



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª
LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

CARLOS ANDRÉ LUCENA DA CRUZ

PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA ROOSEVELT: UMA
PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SURDOS

JOÃO PESSOA

2020

CARLOS ANDRÉ LUCENA DA CRUZ

**PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA ROOSEVELT:
Uma proposta pedagógica para o ensino de língua portuguesa e
educação ambiental para surdos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo Duas Estradas, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação do (a) Prof.(a). Dra. Telma Cristina Gomes da Silva.

JOÃO PESSOA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação –
CIP Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João
Pessoa

C957p

Cruz, Carlos André Lucena da.

Produção textual na Escola Roosevelt : uma proposta pedagógica para o ensino da língua portuguesa e educação ambiental para surdos / Carlos André Lucena da Cruz. – 2020. 19 f.

Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Telma Cristina Gomes da Silva.

1. Produção textual. 2. Língua portuguesa - Ensino. 3. Educação ambiental. 4. Alunos surdos. I. Título.

CDU 81'42:502/504

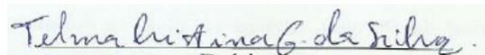
CARLOS ANDRÉ LUCENA DA CRUZ

**PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA ROOSEVELT:
Uma proposta pedagógica para o ensino de língua portuguesa e
educação ambiental para surdos**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora, do
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia
da Paraíba (IFPB), para obtenção do título
de Especialista em Ensino de Língua
Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

João Pessoa, 26 de Novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA



~~Prof^ª. Dr^ª. Telma Cristina Gomes da Silva~~
Orientadora – IFPB



~~Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros~~
Avaliador (IFPB)



~~Prof^ª. Dr^ª. Rosemary Evaristo Barbosa~~
Avaliadora (E.M.E.F. Prof^ª. Lina Rodrigues)

Produção textual na escola Roosevelt: uma proposta pedagógica para o ensino de língua portuguesa e educação ambiental para surdos

Autor: Carlos André Lucena da Cruz¹

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Telma Cristina Gomes da Silva²

Resumo: Este artigo apresenta uma breve reflexão acerca da Educação Ambiental na contemporaneidade e suas relações no que se refere à criação de multiplicadores. As intervenções propostas vão se realizar na Escola Roosevelt na cidade de Parnamirim, Rio Grande do Norte, devem ser implementadas em horários extras com finalidade de ser reforço no aprendizado. A partir disto traz-se aqui uma proposta pedagógica com a realização de oficinas para educação ambiental e a prática da escrita de língua portuguesa como L2 para alunos surdos. Adotou-se a pesquisa-ação como metodologia de pesquisa devido ser uma forma de auto-reflexão coletiva trazendo um sentido colaborativo para proposta. Como aporte teórico utilizou-se os estudos de TOLEDO *et. al.* (2014) e SILVA (2017) sobre a pesquisa-ação; DOLZ *et. al.* (2004) consultados para utilização do método de sequências didáticas; QUADROS e SCHMIEDT (2006) sobre o ensino de Língua Portuguesa para surdos e GADOTTI (2000) sobre educação ambiental. Como resultados de pesquisa, conclui-se que um modelo prático e politizador de Educação Ambiental norteia os educandos e os conduz a prática da escrita em língua portuguesa como L2 para surdos.

Palavras-chaves: Escrita, Língua Portuguesa, Educação Ambiental, Intervenção Pedagógica, Alunos Surdos.

Abstract: This article presents a brief reflection on Environmental Education in contemporary times and its relations with regard to the creation of multipliers. The proposed interventions will take place at Roosevelt School in the city of Parnamirim, Rio Grande do Norte, and should be implemented in extra hours in order to be reinforcement in learning. From this we bring here a pedagogical proposal with the realization of workshops for environmental education and the practice of writing Portuguese as L2 for deaf students. It was adopted the research-action as a research methodology because it is a form of collective self-reflection bringing a collaborative meaning to the proposal. As theoretical contribution we used the studies of TOLEDO *et. al.* (2014) and SILVA (2017) on action research; DOLZ *et. al.* (2004) consulted to use the method of didactic sequences; QUADROS and SCHMIEDT (2006) on the teaching of Portuguese language for deaf and GADOTTI (2000) on environmental education. As a result of research, it is concluded that a practical and politicizing model of Environmental Education guides the students and leads them to the practice of writing in Portuguese as L2 for deaf.

Key words: Writing, Portuguese Language, Environmental Education, Pedagogical Intervention, Deaf Students.

¹Graduado em Geografia – Licenciatura (UFRN), Graduado em Letras/Português (ALFAMERICA) e Pós - graduando em Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdos (IFPB).

² Professora Formadora / Orientadora da EELP2LS (EAD / UAB/ IFPB), Pós-Doutora em Letras / Linguagem e Ensino (UFCG), Doutora em Linguística (UFPB) e Mestre e Graduada em Letras/ Língua Portuguesa (UFPB).

1 Introdução

Este trabalho traz uma reflexão inicial acerca da Educação Ambiental na atualidade e suas relações no que se refere à criação de multiplicadores³ no contexto escolar. As intervenções pedagógicas propostas realizar-se-ão, na Escola Roosevelt, município de Parnamirim, Rio Grande do Norte. Essas intervenções acontecerão em horários extras com finalidade de ser reforço no aprendizado. A partir disto trazemos uma proposta pedagógica com a realização de oficinas para educação ambiental e a prática da escrita de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos.

O interesse nesta proposta de estudo surge da observação das relações estabelecidas entre o homem e o meio ambiente que, segundo Freury *et. al.* (2014), exige da sociedade um posicionamento e a elaboração de estratégias direcionada a educação ambiental. Nesta perspectiva, e enquanto educador ambiental, percebi que trabalhar a produção textual e a educação ambiental com alunos surdos é contribuir, simultaneamente, com a inclusão social e a conscientização ambiental do cidadão. Assim sendo, projetos, desta natureza, envolvendo professores e alunos (ouvintes e surdos) podem sinalizar potencialmente na divulgação desta temática.

Trabalhar a conscientização ambiental dos educandos surdos, concomitantemente, a aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa como L2 emergem como resposta para essa problemática no contexto escolar. Na escola Roosevelt, *lócus*, desta pesquisa, observamos que os alunos surdos não estão praticando a escrita da Língua Portuguesa a contento e, também, estão muito distantes da temática ambiental, sendo assim as oficinas didáticas surgem como uma forma de intervenção pedagógica para contribuir com a aprendizagem desses alunos.

A partir do exposto, apresentamos como **objetivo geral**, deste estudo, trabalhar com aspectos da educação ambiental concomitante a produção textual em Língua Portuguesa como L2 com educandos surdos considerando o aspecto interdisciplinar. Com isso, esperamos contribuir com a inserção desses educandos, na educação ambiental, na condição de sujeitos multiplicadores pela prática pedagógica da escrita da Língua Portuguesa, como L2, além da sala de aula, conscientizando-os sobre sua responsabilidade no que concerne à conscientização ambiental.

³O termo “multiplicadores” é utilizado no sentido de disseminadores dos conhecimentos sobre a educação ambiental aprendidos nas oficinas realizadas na escola.

Considerando isto, temos como **objetivos específicos**: 1) elaborar oficinas pedagógicas a partir do modelo de sequências didáticas facilitadoras do ensino-aprendizagem em sala de aula com educandos surdos; 2) reforçar o ensino-aprendizagem da escrita em Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos; 3) e colaborar com a conscientização ambiental dos alunos surdos no contexto escolar.

Este trabalho está fundamentado nos estudos desenvolvidos por Gadotti (2000) na vertente ambiental, também consultamos os trabalhos desenvolvidos por Toledo et. al. (2014) e Silva (2017) sobre nossa metodologia de pesquisa; Quadros e Schmiedt (2006) sobre o ensino de língua portuguesa para surdos; e Dolz *et. al* (2004) sobre a elaboração de sequências didáticas para a intervenção pedagógica no contexto escolar. Esses estudos conduzirão os sujeitos envolvidos, nesta pesquisa, em uma prática de ensino-aprendizagem mais autônoma no que se refere à escrita da Língua Portuguesa como L2 e a conscientização ambiental.

Destaca-se que esses pressupostos teóricos oferecerão subsídios para o desenvolvimento das oficinas pedagógicas para a produção textual, considerando os conteúdos apreendidos, em sala de aula, pelos educandos surdos envolvidos, neste projeto, transformando-os em multiplicadores da conscientização ambiental e favorecendo sua apreensão da escrita da Língua Portuguesa como L2.

O presente trabalho está dividido em as seguintes sessões: 1) A importância da conscientização ambiental no contexto escolar; 2) o ensino da escrita de Língua Portuguesa como L2 para surdos; 3) a pesquisa-ação e o uso de sequências didáticas na escola; 4) e considerações finais sobre a pesquisa.

2 A importância da conscientização ambiental no contexto escolar

Abordaremos aqui sobre a importância de desenvolver a conscientização ambiental na escola. De acordo com Gadotti (2000, p. 03):

Refletir é também falar, discutir, identificar o ‘espírito’ presente no campo das ideias, dos valores e das práticas educacionais que perpassa, marcando o passado, caracterizando o presente e abrindo possibilidades para o futuro.

Atualmente muitos educadores ambientais perplexos diante das últimas mudanças sociais, tecnológicas e econômicas, se perguntam sobre o futuro desta empreitada que é a educação ambiental nas escolas.

Discutir as perspectivas contemporâneas, no que concerne à Educação Ambiental é abordar sobre o que está presente no campo dos nossos valores. Porque esse tipo de educação pode abarcar o seu objetivo com maior eficácia, citando como exemplo a linguagem da Internet. Uma vez que os educandos estão mais próximos, deste mundo virtual, podendo este ser usado a favor da causa ambiental.

Gadotti (2000, p. 03) destaca que: “Os sistemas educacionais ainda não conseguiram avaliar suficientemente o impacto da comunicação audiovisual e da informática, seja para informar, seja para bitolar ou controlar as mentes. Ainda trabalha-se muito com recursos tradicionais”. A partir disto, este trabalho pretende sair do tradicional e utilizar os meios virtuais para aprofundamento da pesquisa, por exemplo, prospecção de materiais e nesse momento podemos utilizar o laboratório de informática da Escola Roosevelt.

As práticas contemporâneas e suas perspectivas constituem mecanismos de democratização com o intuito de repercutir na formação dos indivíduos no que se diz respeito a sua posição diante dos problemas ambientais enfrentados pela sociedade. Esses mecanismos de democratização podem refletir diretamente em valores como “reciprocidade e solidariedade” entre os nossos alunos.

É fato que os futuros educadores enfrentarão muitos obstáculos antigos, dentre eles trabalhar em um sistema educacional que não corresponde a “universalização” da educação e, também, com as novas matrizes teóricas que ainda não apresentam uma “consistência global” necessária para indicar caminhos seguros para a transformação da educação ambiental no ensino público. Pois, segundo Gadotti (2000, p. 07):

Seja qual for a perspectiva que a educação contemporânea tomar, uma educação voltada para o futuro será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a transformação social do que para transmissão cultural. Por isso, acredita-se que a pedagogia da práxis, como uma pedagogia transformadora, em suas várias manifestações, pode oferecer um referencial geral mais seguro do que as pedagogias centradas na transmissão cultural, neste momento de perplexidade.

Se utilizando desse pensamento podemos afirmar que é de suma importância para as novas perspectivas esta práxis dentro da Educação Ambiental, para que ela seja efetivamente transformadora e que realmente consigamos tornar o indivíduo um multiplicador, não só no contexto escolar, mas na comunidade em que reside.

Lembramos que através desta práxis poderemos inserir no indivíduo uma linha de conhecimento questionadora, uma Educação Ambiental que trabalha inclusive uma revisão e seleção das nossas informações. Vivendo numa era de constantes acontecimentos precisamos ter discernimento para saber o que é de grande valia ou mais uma nota sensacionalista. Porque ter acesso a muitas informações não significa, ter acesso as mais importantes, assim sendo as oficinas visam entre outras coisas selecionar informações.

Pois, segundo Gadotti (2000, p. 09), “amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento cultural; selecionar e rever criticamente a informação; formular hipóteses”, nada disto pode ficar de fora na construção das nossas perspectivas contemporâneas na educação ambiental escolar.

Nesta perspectiva, o papel do educador ambiental é conscientizar seus alunos continuamente, criando um alicerce teórico e conceitual a partir de uma proposta cada vez mais sensível e ligada à Terra com a meta de gerar:

Uma educação sustentável para sobrevivência do planeta. [Mas] O que seria uma cultura de sustentabilidade? Esse tema deverá dominar muitos debates educativos das próximas décadas. O que estamos estudando nas escolas? Não estaremos construindo uma ciência e uma cultura que servem para a degradação/deterioração do planeta? (GADOTTI, 2000, p.12).

Como preconiza a proposta de Educação Ambiental crítica e politizadora, é necessário que em todos os setores do ensino possam observar esta prática. O debate desta temática deve ser realizado, principalmente, pelos educadores das escolas públicas. Para que essas teorias sejam postas em prática, o que já é bastante observado em diferentes espaços na perspectiva de criar multiplicadores como objetivam as futuras oficinas.

3 O ensino da escrita de Língua Portuguesa como L2 para surdos

Trazer essa discussão da educação ambiental aliada ao ensino da escrita da Língua Portuguesa, como L2 para surdos, é necessidade visível no contexto da Escola Roosevelt. Nesta escola, observamos que para o aprendizado da Língua Portuguesa escrita como L2 pelos sujeitos surdos, necessita-se aplicar práticas diferenciadas pelos

professores. Nesse contexto, surge a intervenção pedagógica por meio das sequências didáticas na escola.

As observações foram realizadas durante 3 anos na Sala de Recursos Multifuncionais da Escola Roosevelt (até antes do início da Pandemia de o COVID-19). Essas mostraram que existe um grande déficit entre os sujeitos surdos no que concerne a aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa como L2, e, possivelmente, esses problemas estendam-se as demais escolas do município de Parnamirim, no Rio Grande do Norte.

Fizemos essa observação durante as oficinas de LIBRAS I (módulo básico) direcionadas aos alunos surdos da escola pelas quais notamos quando solicitadas atividades escritas, o aluno surdo apresentava grande dificuldade, pois, tentava relacionar o sinal ao texto escrito. Isso porque, segundo Quadros e Schmiedt (2006, p. 23):

O português ainda é a língua significada por meio da escrita nos espaços educacionais que se apresentam a criança surda. A sua aquisição dependerá de sua representação enquanto língua com funções relacionadas ao acesso às informações e comunicação entre seus pares por meio da escrita. Entre os surdos fluentes em português, o uso da escrita faz parte do seu cotidiano por meio de diferentes tipos de produção textual, em especial, destaca-se a comunicação através do celular, de chats e e-mails. No entanto, atualmente a aquisição do português escrito por crianças surdas ainda é baseada no ensino do português para crianças ouvintes que adquirem o português falado. A criança surda é colocada em contato com a escrita do português para ser alfabetizada em português seguindo os mesmos passos e materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes de português. Várias tentativas de alfabetizar a criança surda por meio do português já foram realizadas, desde a utilização de métodos artificiais de estruturação de linguagem até o uso do português sinalizado.

O isolamento social desses sujeitos colabora para isso, pois, em suas práticas cotidianas o que se veem é a comunicação sinalizada por meio de sua L1, e isso já não é o bastante para a aprendizagem da L2. Uma vez que, os atos de ler e escrever a L1 ou a L2, seja no cotidiano escolar ou na vida pessoal, são caminhos complexos que “envolvem uma série de tipos de competências e experiências de vida que as crianças trazem. As competências gramaticais e comunicativas das crianças são elementos fundamentais para o desenvolvimento da leitura e escrita” (QUADROS; SCHMIEDT,

2006, p. 31). É possível ainda reforçar segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa sobre linguagem e participação social. Segundo esse documento:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PCNs, 1997, p.21)

A prática do ensino de escrita da Língua Portuguesa para o sujeito surdo vem fazendo um trajeto igual ao do sujeito ouvinte sem lograr êxito. As salas regulares de ensino estão empregando as mesmas metodologias (para surdos e ouvintes) e em grande parte os educadores não estão preparados para elaborar outros caminhos, em alguns casos chegando a duvidar da capacidade dos surdos no aprendizado.

O mais temeroso é que se prossiga a ideia, por parte de alguns educadores, de que os alunos surdos são comprometidos cognitivamente em relação aos ouvintes. Porque: “A criança surda é colocada em contato com a escrita do português para ser alfabetizada em português seguindo os mesmos passos e materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes de português” (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 23). Mesmo se tratando de campos diferentes, o que se necessita é a busca do processo inclusivo, se continuarmos tratando da mesma maneira não colaboremos para a aprendizagem da L2 pelo aluno surdo. Assim sendo, defendemos, igualmente a Freire (2018), uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica a partir do diagnóstico do aprender dos educandos surdos.

A escola ensinando a escrita da L2 para os alunos surdos com base no ensino tradicional dessa língua para comunidade ouvinte (que tem o Português como L1), nos leva a reflexão que em nenhum momento o campo espaço visual está sendo considerado para ensinar o sujeito surdo. Daí, a necessidade de trabalharmos com “o papel constitutivo da interação social para a construção da linguagem (letrada) e, logo, para os usos e conhecimentos do objeto escrito construído.” (ROJO, 1998, p. 71) em sala de aula da Educação Básica.

Pretende-se a partir da pesquisa-ação com a realização de oficinas didáticas, na Escola Roosevelt, contribuir com o quadro de inserção do aluno surdo, na educação ambiental, e, simultaneamente, reforçar a aprendizagem da escrita da L2.

4 A pesquisa-ação e o uso de sequências didáticas na escola

Seguindo esse norteamento a “pesquisa-ação” surge como método de pesquisa ideal, visto que é uma forma de autorreflexão empreendida pelos participantes, por conseguinte, podem ter um entendimento melhor do processo durante e depois de implementado. Para Silva (2017, p. 2) “esse método tem como princípio o trabalho colaborativo entre participantes e pesquisadores, enfocando objetivos comuns; deste modo, a oficina surge como alternativa”. Tendo o ponto principal da pesquisa a intervenção pedagógica propiciada dentro da escola por intermédio de oficinas didáticas, com aulas mais dinâmicas, elaboradas para a conscientização ambiental e a aprendizagem da escrita da L2 pelos educandos surdos.

De acordo com Toledo *et. al.* (2014,p. 2):

A pesquisa-ação, por ser uma metodologia aberta e dinâmica, permite que diferentes rumos sejam tomados no decorrer do seu desenvolvimento, em função das demandas encontradas. Isso ocorre porque o envolvimento direto de representantes da problemática em todas as etapas desse processo, com suas necessidades, anseios, valores e saberes, irá interferir em adequações metodológicas. Desta forma, resultados das ações devem ser analisados e incorporados na fase seguinte de retomada do planejamento e, assim, sucessivamente, o que requer uma reflexão constante sobre a ação em todas as etapas do processo.

Nesta ótica, a implementação da pesquisa-ação a participação ativa dos alunos surdos, bem como a produção de saberes coletivos e a reflexão crítica. E, por conseguinte, favorecerá o surgimento de conhecimentos construídos pelo grupo, democratizando a produção do saber. Essa intervenção pedagógica contribui também para motivar os participantes, visto que esses sujeitos possuem um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Os estudos de Silva (2017) e Toledo *et. al.* (2014) fundamentaram à elaboração da intervenção pedagógica tendo como público-alvo os alunos surdos da escola Roosevelt. Os materiais utilizados, nas oficinas didáticas, serão os seguintes: textos físicos (artigos e livros em arquivo) com o tema da educação ambiental, bem como folhas de papel A4, cadernos, cartolinas, canetas, lápis de cor, entre outros materiais escolares. Como descreve os PCNs de Língua Portuguesa, antes de teorizar sobre as sequências didáticas, se faz necessário mencionar que todo texto vai ser organizado

dentro de um determinado gênero textual – nas oficinas serão trabalhados como proposto neste artigo, os gêneros cartaz e folheto.

Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado. Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos [...]. Do mesmo modo, pode-se reconhecer outros gêneros como cartas, reportagens, anúncios, poemas, etc (1997, p.23).

O método utilizado para as oficinas será a adoção de sequências didáticas, pois, elas favorecem a intervenção pedagógica por meio da pesquisa-ação. Dolz et. al (2004, p. 96) conceituam a “sequência didática” como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Em outros termos, uma sequência didática (doravante SD) consiste em módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem por meio da interação com o objeto de estudo.

Desta forma é necessário enfatizar o quanto é importante trabalhar com a sequência didática, sendo socialmente elaborada e transformadora. Um conjunto de passos encadeados que norteiam o processo de ensino e aprendizagem se mostrando muito eficiente como proposta. Ademais, a SD pode ser adequada às necessidades de aprendizagem dos alunos surdos minimizando prejuízos que tiveram outrora. Assim sendo:

O acompanhamento de projetos dessa natureza tem mostrado que o professor teoricamente bem fundamentado pode desenvolver práticas pedagógicas que contribuem significativamente para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita dos alunos de forma motivadora, interativa e dialógica. Certamente essas práticas contribuem para êxito dos alunos não apenas nas atividades escolares, mas também em suas ações e interações sociais (LOPES-ROSSI, 2012, p.243).

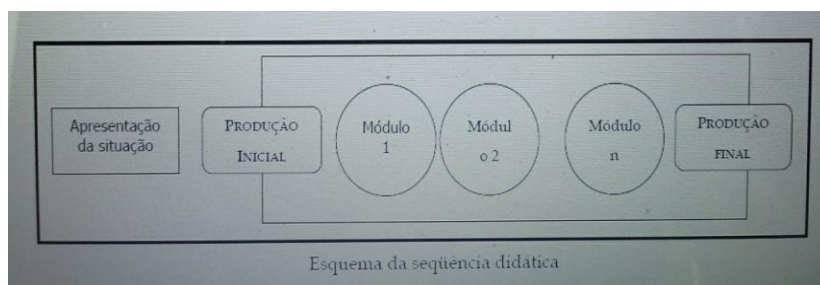
Podemos pontuar que um grande e promissor diferencial da aplicação da SD como estratégia para o melhoramento do ensino e da aprendizagem dos participantes, desta pesquisa, é seguir uma lógica de sequências e poder observar sistematicamente o

nível de evolução dos alunos. Esperamos assim oferecer mais sentido ao processo em andamento, porque não dizer, visualizar um aumento significativo do envolvimento nessa prática pedagógica.

Considerando o procedimento metodológico aplicado pela SD, torna-se evidente que quando nós nos comunicamos por meio de textos diversos dentro das esferas sociais. Por exemplo, quando escrevemos uma carta de amor ou um currículo estamos considerando um contexto. Quando estamos no ambiente de trabalho falamos de uma forma e se passeamos na praia com familiares conversamos mais à vontade e informalmente. Nesta perspectiva, as composições textuais que produzimos (sejam escritas ou orais) vão se diferenciar umas das outras porque são elaboradas em diferentes condições, mesmo assim observamos padrões de regularidades.

Em situações semelhantes, escrevemos textos com características semelhantes, que podemos chamar de *gêneros de textos*, conhecidos de e reconhecidos por todos, e que, por isso mesmo, facilitam a comunicação: a conversa em família, a negociação no mercado ou o discurso amoroso. Certos gêneros interessam mais à escola – as narrativas de aventuras, as reportagens esportivas, as mesas redondas, os seminários, as notícias do dia, as receitas de cozinha, para citar apenas alguns. Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Enfatizamos que, neste caso, o trabalho desenvolvido na escola será construído com gêneros textuais que os sujeitos envolvidos não têm domínio e/ou apresentam dificuldades. As sequências didáticas nortearão no sentido de proporcionar acesso a práticas novas de linguagem ou de difícil domínio. Visualizando o esquema abaixo podemos obter um melhor entendimento:



Fonte: Dolz et. al. (2004, p.97).

De acordo com Dolz et. al. (2004, p. 98):

Após uma *apresentação da situação* na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar, estes elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado; é a *primeira produção*. Esta etapa permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma. Além disso, ela define o significado de uma sequência para o aluno, isto é, as capacidades que devem desenvolver para melhor dominar o gênero de texto em questão.

Neste esquema aparecem módulos didáticos constituídos de atividades, que instrumentalizam a proposta pedagógica para se trabalharmos de uma maneira aprofundada e seguindo uma sistematização. A SD direciona uma produção final, que possibilita(rá) os alunos colocarem em prática os conteúdos apreendidos e, por sua vez, o educador pode(rá) avaliar a eficácia de sua prática pedagógica de maneira mais progressiva.

4. 1 Tecendo a proposta didática

O primeiro trabalho a ser desenvolvido com o uso de sequência didática são leituras (individuais ou em grupo) com os alunos surdos, sendo esses auxiliados pelo professor e o intérprete. Para leitura em grupo, o texto será projetado em uma tela ou parede. Caso os alunos apresentem dificuldades para a leitura, o professor ou o intérprete podem sinalizar os trechos em Libras.

Um exemplo de atividade é a elaboração de um cartaz ou folheto contendo a temática “não jogue lixo no chão”. O professor ou o intérprete podem sinalizar um parágrafo do livro e depois solicitar que o aluno leia e crie uma frase para construir o texto para o cartaz a ser fixado ou folheto a ser distribuído.



(INFRAESTRUTURA MEIO AMBIENTE SP, 2018, p.01).

Imagem 1: Modelo de folheto ambiental

Fonte: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br>



DÊ UMA CHANCE

PARA O **PAPEL**

PARA O **PLÁSTICO**

PARA O **VIDRO**

PARA O **METAL**

PARA A **MADEIRA**

PARA O PLANETA



REDUZA
REUTILIZE
RECICLE

(INFRAESTRUTURA MEIO AMBIENTE SP, 2018, p.01).

Imagem 2: Modelo de cartaz ambiental

Fonte: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br>

É perceptível que os gêneros textuais cartaz e os folheto cumprem uma função de divulgação visual e textual. Esses gêneros distribuídos ou afixados em locais apropriados da escola facilitam realmente o processo de comunicação, logicamente dentro da mesma ótica sustentável (se utilizando de materiais adequados e descartando de forma correta). Isso reforça a escolha de se utilizá-los para o desenvolvimento desta proposta de intervenção pedagógica no contexto escolar.

Ao escrever frases simples objetiva-se, inicialmente, que o aluno compreenda a mensagem do texto. E, por conseguinte, responda os seguintes questionamentos: O que é uma campanha? O que é educação ambiental? Quais as consequências de se jogar lixo no pátio? Qual a importância de uma campanha? Qual seu papel na sociedade? A partir disto, os alunos devem entender suas produções textuais tendo desenvolvido a criatividade pela escrita da Língua Portuguesa como L2 e, também, serem inseridos no contexto de conscientização ambiental.

No processo de construção de cartazes ou folhetos aqui, buscamos responder uma demanda da escola que consiste em encontrar novas formas de ensinar à escrita da língua portuguesa aos alunos surdos, inserindo-os em uma temática bastante relevante na sociedade contemporânea: a educação ambiental. Pensamos que construir os

primeiros cartazes e folhetos trabalhando a correta disposição dos resíduos sólidos na escola, bem como, esclarecer sobre a questão da reciclagem pode vir a ser uma boa alternativa visto que é um assunto bastante difundido. Ao mesmo tempo, acessível aos que iniciam nesta empreitada.

É importante que o professor e o material didático possam viabilizar interações dinâmicas em sala de aula, com ações que permitam os alunos surdos desenvolverem sua criatividade e interesse pelas aulas. O plano de aula elaborado a partir desta proposta de intervenção pedagógica encontra-se no anexo deste artigo.

Considerações finais

As questões metodológicas discutidas aqui estarão sempre no cerne do nosso debate acerca da educação ambiental contemporânea e ensino de Língua Portuguesa, como L2, para surdos. Trabalhar essas questões auxiliam no protagonismo dos alunos surdos em relação a Educação Ambiental fazendo com que esse aluno torne-se um agente transformador a partir do contexto escolar. Concomitante a isso, essa proposta fomentará a escrita através das oficinas, vai influir diretamente no contexto de interação social entre alunos (ouvintes e surdos).

O modelo de educação ambiental proposto, nesse artigo, precisa nascer na própria escola, mas, com vistas, a ser multiplicada em outros espaços quando num futuro próximo os sujeitos estejam mais empoderados. Pois, esse modelo pedagógico empregado na Educação Ambiental e escrita da Língua Portuguesa como L2, pode mais adiante apresentar solução de problemas, entretanto, enfatizamos que deve ser um processo constante e duradouro. Pois é notório que necessitamos cada vez mais de propor novas intervenções pedagógicas e o uso as SDs na aprendizagem escolar aparecem com um modelo produtivo e dinâmico como esclarece a bibliografia utilizada.

Esse conjunto de fatores postos de forma organizada, podem contribuir eficazmente para melhoria da conscientização ambiental e apreensão da escrita da L2 pelos sujeitos surdos. Destaca-se que esta temática apresentada não se encerra aqui, pois, a prática do ensino de escrita de L2 para surdos, assim, como a educação ambiental necessitam de reflexões sobre o planejamento, a execução, a avaliação e, por conseguinte, readaptações necessárias a cada contexto escolar.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : 144p. 1997.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume I: Sinais de A a L (Vol 1, pp. 1-834). São Paulo, SP: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001a.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHANEUWLY, Bernad. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola**/ Trad. E Org. Roxane Rojo e Glais Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, pp. 81-108.

FELIPE, T A; MONTEIRO, M S. **Libras em Contexto**: curso básico, livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Pedagogia**: saberes necessários a prática educativa. 57. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREURY, Lorena Cândido; ALMEIDA, Jalcione; PREMEBIDA, Adriano. **O ambiente como questão sociológica: conflitos ambientais em perspectiva**. In: SCIELO, Sociologias, vol.16, nº.35, Porto Alegre Jan./Apr., 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222014000100003 Acesso em: 29/09/2020.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. **A Produção Escrita de Gêneros Discursivos em Sala de Aula**: Aspectos Teóricos e Sequência Didática. Londrina PR, 2012.

PORTUGUÊS.COM. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/redacao/ocartazumgenerotextualinformativo.html>. Acesso em: 23/10/2020.

QUADROS, R. M. de.; SCHMIEDT, M. L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

ROJO, Roxane. **Alfabetização e Letramento**: Perspectivas Linguísticas. Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Telma Cristina Gomes Da et al.. A pesquisa-ação na escola: uma experiência com formação de pedagogos para o letramento. In: **Anais IV CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35525>. Acesso em: 15/09/2020.

TOLEDO; GIATTI; JACOBI. A pesquisa-ação em estudos interdisciplinares: análise de critérios que só a prática pode revelar. In: **SCIELO**, Interface (Botucatu), vol.18, nº.51, Botucatu, out./dez.,2014, Epub, 26-Set-2014 Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000400633&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 26/10/2010.



**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA
CULTURA
ESCOLA ESTADUAL PRESIDENTE ROOSEVELT**

PLANO DE AULA

Disciplina: Língua Portuguesa

Professor: Carlos André Lucena da Cruz

Data: a definir

Público Alvo: alunos surdos

Duração: 4 h

Temática: Análise e compreensão do texto

Objetivos:

- Apresentar a proposta da oficina didática aos alunos surdos;
- Mostrar os gêneros textuais (folhetos e cartazes) aos alunos, enfatizando suas características tipológicas;
- Identificar as temáticas contidas nos textos dos folhetos e cartazes;
- Compreender que o texto traz um assunto / conteúdo estabelecendo uma comunicação entre o enunciador e interlocutor;
- Entender à estética que constitui o texto, observando a fusão entre a linguagem verbal e não verbal;
- Estudar à gramática do texto, utilizando-se da LIBRAS e dos conhecimentos apreendidos no cotidiano.

Conteúdo:

Compreensão do gênero textual, aspectos gramaticais e Educação Ambiental.

Metodologia:

Aula expositiva (oral e sinalizada), roda de conversa (oral e sinalizada) e produção textual em L2.

Recursos:

Notebook, data show, livro, revistas, quadro, cartolina, pincel atômico, A4 e lápis grafite.

Avaliação:

Apreensão do conteúdo exposto.

Bibliografia básica:

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume I: Sinais de A a L (Vol 1, pp. 1-834). São Paulo, SP: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001a.

FELIPE, T A; MONTEIRO, M S. **Libras em Contexto**: curso básico, livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

PORTUGUÊS.COM.

Disponível

em:

<https://www.portugues.com.br/redacao/ocartazumgenerotextualinformativo.html>.

Acessado em: 23/10/2020.